

As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação no curso de pedagogia - CE/UFSM

Andreia Weiss*
Ana Luiza Ruschel Nunes**

Resumo

Este artigo objetiva discutir sobre como ocorre a formação inicial do professor dos anos iniciais em relação ao Ensino das Artes Visuais, tendo em vista sua atuação no Ensino Fundamental no estágio supervisionado, para levantar discussões sobre a atual formação e ação dos futuros profissionais da Educação do Curso de Pedagogia CE/UFSM. Dessa forma, utilizou-se a abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa crítica na perspectiva dialética, por compreender a importância da totalidade do fenômeno em estudo e suas contradições. A coleta de dados se configurou por meio de análise documental, observações, diário de campo, entrevista semi-estruturada com os acadêmicos do Curso de Pedagogia - Anos Iniciais e com as professoras, com formação em artes visuais, atuantes no ensino superior. Verificou-se que a formação inicial de professores no curso de Pedagogia da UFSM, no que se refere ao ensino das artes visuais, apresenta lacunas e questões positivas, que são pontuadas nessa investigação. Por isso a formação inicial precisa de reflexão e aprofundamento no que se refere ao repertório de saberes, em especial dos saberes disciplinares de artes visuais, igualmente nos demais saberes pedagógicos e curriculares; além disso, o ensino de arte no curso de Pedagogia não estabelece uma relação teórico-prática entre o que é ensinado na academia e sua relação com a realidade dos saberes escolares. Ainda, os acadêmicos trazem consigo estereótipos e modelos de como ensinar e de como ser professor de Artes, baseando-se em sua vida escolar e em suas vivências em Arte.

Palavras-chave: Formação de Professores. Curso de Pedagogia. Artes Visuais. UFSM.

Visual arts in the training and actions of undergraduate university students – elementary school - CE/UFSM

Abstract

This article aims to discuss how the training of undergraduate university students specializing in elementary school occurs in relation to the teaching of visual arts. It was taken into account their performance in supervised pre-service teacher internships, raising discussions about the current training as well as actions of the future professionals of the Pedagogy Course - CE/UFSM. Thus, qualitative, descriptive and interpretative critical approaches under a dialect perspective were

* Profª. Ms. do Programa de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Educação da Faculdade de Vila Velha - UNIVILA e do Curso de Pedagogia. Programa de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Educação e do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação Regional Serrana - UNIVENETO.

** Profª Drª do PPGE/CE/UFSM - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Artes Visuais - GEPEAV/CNPq.

used as we understand the importance of the totality of the phenomenon in the study and its contradictions. The data was collected through documental analysis, observations, field notes, interviews with students of Pedagogy and professors graduated in visual arts. This investigation shows gaps and positive aspects regarding the teaching of visual arts. For this reason, the training of elementary school university students needs to be reflected on as well as expanded in relation to knowledge, specially the teaching knowledge of visual arts. Similarly, the study indicates the need for attention to both pedagogical and syllabus knowledge. Moreover, the teaching of arts in the Pedagogy Course does not establish a practice-theory between what is taught and its relation with the reality of school knowledge. The students still bring along stereotypes as well as models of how to teach and how to be an arts teacher based on their school background and experiences in arts.

Keywords: Teachers Training. Pedagogy Course. Visual Arts. UFSM.

Apresentando a pesquisa

Quando se reporta a formação de Pedagogos – Anos Iniciais, pensa-se nas áreas de conhecimento que estão atreladas a essa formação. Uma dessas áreas compreende o Ensino das Artes Visuais voltada ao ensino de alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

A partir disso, propôs-se realizar uma reflexão crítica de como ocorre a formação inicial do professor dos anos iniciais em relação ao Ensino das Artes Visuais, tendo em vista sua atuação no Ensino Fundamental através do Estágio Supervisionado, levantando discussões sobre a atual formação dos profissionais da Educação – Anos Iniciais, em especial, na Disciplina de Metodologia das Artes Plásticas no Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A fim de proceder a presente investigação, delimitou-se o contexto investigativo inicialmente no Curso de Pedagogia – Anos Iniciais, do Centro de Educação da UFSM – Disciplina de Metodologia do Ensino das Artes Plásticas no Currículo por Atividades (MEN 342) e no Laboratório de Ensino das Artes Plásticas e, posteriormente, nas escolas municipais e estaduais do município de Santa Maria/RS, nas quais os sujeitos da pesquisa realizaram os estágios supervisionados.

Neste íterim, os sujeitos envolvidos na pesquisa foram: duas professoras responsáveis pela Disciplina de Metodologia das Artes Plásticas no Currículo por Atividades, sendo uma professora substituta, Mestre em Educação, Licenciada em Educação Artística, sendo a outra professora adjunta Doutora em Educação e Arte, Licenciada em Educação Artística. Além disso, vinte e

três acadêmicos matriculados na referida disciplina, no 5º semestre do curso de Pedagogia, do primeiro semestre letivo de 2002, e dentre esses, a escolha de forma aleatória de 15 acadêmicos, os quais se encontravam, no segundo semestre letivo de 2003, em estágio supervisionado.

Para tanto, a pesquisa se baseou numa abordagem qualitativa, revelando-se descritiva, com o encontro de um ambiente rico em informações, podendo-se utilizar de fotos ou de palavras, em que: “A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Ressalte-se que aqui não coube quantificar as informações, até porque a preocupação foi, *in limine*, com o processo e não com o produto ou resultados fechados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O método dialético fundamentou a pesquisa por propiciar uma interação do todo, sem que nenhuma parte do processo fosse deixada de lado. Assim, levou-se em consideração a realidade dos acadêmicos em relação ao ensino das Artes Visuais no curso de Pedagogia no Brasil, num ir e vir, analisando historicamente e criticamente a constituição desses cursos.

É importante lembrar que “[...] a dialética é a ciência da destruição de toda a fixidez, de todo o ser aqui, a negação de toda a determinação, a evanescência de toda a certeza no movimento incessante do devir, da evolução para a abolição” (BROHN, 1979, p. 58). Assim, tem-se que o método dialético é percebido como a análise dos aspectos contrários existentes num determinado problema a ser estudado, de forma a apropriar-se dos fenômenos que compreendem esse problema e que se encontram ligados entre si. Dessa forma não há como ver as partes como fatos isolados, mas sim seu todo, pois é justamente isso que se quer, o conjunto do todo. Busca-se, pois, a compreensão do movimento, da contradição, do conflito e da totalidade para que se compreenda a estruturação esperada com essa pesquisa.

Apresentando as categorias de análise

Partindo desse embasamento, construíram-se categorias de investigação que nortearam a pesquisa e sua posterior análise. Desse modo, procurou-se alcançar o conceito que abrange o todo presente na pesquisa, visto que na mesma encontram-se várias informações/significações, sendo selecionadas as de maior importância (GOMES, 2000). Destarte, foram estruturadas as categorias que nortearam a pesquisa da seguinte forma: *Saberes de Formação Pedagógica; Saberes de Formação Específica em Artes Visuais e Prática Educativa para a Docência em Artes Visuais nos Anos Iniciais*.

Acredita-se que, em se tratando de formação de professores, faz-se necessária, como conhecimento, a aprendizagem dos “*Saberes de formação pedagógica*”, tendo como categorias para investigar estes saberes as questões

que envolvem o planejamento, a avaliação, o conteúdo, a metodologia, a relação professor e aluno, já que esses devem ser ensinados/aprendidos na disciplina MEN 342, atrelados, pois, aos conhecimentos de artes visuais lecionados e/ou construídos com os acadêmicos, futuros profissionais da educação.

Não esquecendo que perdurou, ou quem sabe perdura, o isolamento entre as disciplinas do curso em questão, faltando uma forma de inter-relacionamento entre as mesmas. Herança do “[...] currículo tradicional de formação de professores estrutura-se em torno de disciplinas fechadas, nas quais os conteúdos se organizam numa seqüência lógica, disciplinar por meio das quais se pretende quando os alunos atinjam um alto nível de especialização” (RUZ, 1998, p. 89).

Sendo esse o caso do curso em tela, então, o professor responsável pela disciplina MEN 342 necessitaria trabalhar esses saberes da formação pedagógica de forma a estar instigando os acadêmicos a construir seu conhecimento em Artes Visuais relacionada às outras áreas do saber. Instigar para não perpetuar essa separação entre disciplinas, conteúdo e realidade, uma vez que “A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participativa” (NÓVOA, 1995, p. 25).

Isso é possível por se saber que o homem é um sujeito histórico e, como tal, traz informações de todo seu trajeto social, escolar e vivencial, e, tendo ciência disso, deve-se considerar essa trajetória como forma auxiliar na construção do que é ser professor, portanto os saberes de formação pedagógicas são ensinadas no decorrer do Curso de Pedagogia.

Não se esqueça que não há educação nem ensino de artes visuais se não houver conhecimento do saber artístico, em suma, o que vai ser ensinado. Assim, o professor carece compreender e saber os saberes da arte, os fundamentos do desenho das artes visuais, a história da arte erudita e popular, o desenvolvimento gráfico-plástico infantil e do adolescente, o conhecimento das ferramentas, suportes técnicos e materiais expressivos, ou seja, as ferramentas de expressão em arte, e ainda, sem dúvida, da própria concepção de arte. São, portanto, saberes esses fundamentais para o ensino das artes visuais no Curso de Pedagogia, visando à formação do professor - pedagogo na disciplina MEN 342, dando corpo à segunda categoria de análise: “*Saberes de formação específica em artes visuais*”.

Rememora-se o fato de que os “*Saberes de formação específica em artes visuais*” estão entrelaçados aos “*Saberes de formação pedagógica*”, bem como à “*Prática Educativa para a Docência em Artes Visuais nos Anos Iniciais*”, em uma associação dessas três categorias, desde o planejamento até a atuação, visando “[...] que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais

significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações” (FUSARI; FERRAZ, 1999, p. 49).

De forma que esse não está dissociado da realidade, o sujeito social e cultural busca formas de expressão tanto nas representações sociais, quanto através da religiosidade, política e entre outros. Para tanto, investigou-se a ocorrência da compreensão de Arte do professor e do aluno de forma a ser percebido no contexto interdisciplinar da escola, sempre instigando a idéia de que o conteúdo deve partir da prática social e do contexto histórico. Frise-se que isso deve ocorrer de forma mais intensa no ensino da arte, a qual necessita levar em consideração que as manifestações artísticas ocorreram em um dado momento histórico, em um dado grupo cultural, sendo que a investigação artística da comunidade escolar e do grupo a que pertence o aluno também necessita ser vista de tal forma.

Nesse íterim, a “*Prática educativa para a docência em artes visuais*” visa demonstrar que a experiência educativa é a própria ação educativa do professor, sua didática na ação de ensinar/aprender a construir o conhecimento em arte no cotidiano de sala de aula, sendo o ‘reflexo’ da formação inicial, dando visibilidade aos “*Saberes de formação pedagógica* e aos *Saberes de Formação específica em artes visuais*”, pesquisando a forma como o futuro profissional dos anos iniciais inter-relaciona esses conhecimentos.

Coletando os dados

No decorrer da coleta de dados, almejou-se obter informações sobre a realidade da pesquisa, e para o êxito desta, alguns instrumentos de investigação foram selecionados para auxiliar na coleta de dados. Afinal, há que se considerar que na pesquisa qualitativa não há espaço para quebras, informações isoladas, mas apenas a idéia de um processo sucessivo, em que uma informação leva a outra, sendo que a mesma “[...] se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 137).

Essa é a visão que se perseguiu e, para tanto, escolheram-se os seguintes instrumentos para auxiliar na pesquisa: análise documental, observação livre, diário de campo, entrevista semi-estruturada e portfólio.

Lüdke e Menga (1986) destacam a importância dos documentos no decorrer da investigação, visto que os pesquisadores conseguem extrair o máximo de informação. Alguns dos documentos utilizados foram a Ementa de Programa da Disciplina MEN 342; o Currículo do Curso de Pedagogia – CE/UFSM; as Normas do Estágio Supervisionado; a Lei 9.394/96 (LDB); entre outros.

A observação livre, por sua vez, veio no auxílio de destacar, pontuar algo que se encontrava no todo (realidade) do que se estava observando, necessitando a pessoa pesquisadora estar atenta ao decorrer dessa realidade. Para sua realização, tinham-se algumas pré-categorias a serem observadas naquele momento: metodologia, conteúdos de arte e pedagógicos a serem ensinados, o ambiente, a relação professor – aluno e avaliação e enquanto se observava, indubitavelmente, registrava-se o que estava sendo observado (RUDIO, 2003). Isso foi uma constante no decorrer das observações que iniciaram no 1º semestre de 2002, na disciplina MEN 342 e, tendo sua continuidade no 2º semestre de 2003, quando os acadêmicos realizavam o estágio curricular supervisionado em treze escolas públicas (estaduais e municipais) do município de Santa Maria/RS.

Assim, enquanto as observações e registros iam se concretizando no 1º semestre de 2002, ocorreram as entrevistas semi-estruturadas, as quais possuíam alguns questionamentos básicos estruturados que tinham afinidade com a pesquisa e que permitiam uma abertura no seu andamento de forma a não obter respostas fechadas e restritas. Nesse momento todos os sujeitos participantes foram entrevistados na tentativa de vislumbrar a compreensão que cada um possuía dessa área do conhecimento, bem como suas expectativas em relação à mesma.

Finalmente, utilizou-se o recurso do portfólio, já que este envolve toda a produção artística que os acadêmicos desenvolveram no decorrer do semestre, tornando-se, assim, importante fonte de análise do processo que envolve o ensinar e o aprender (HERNÁNDES, 2000).

Analisando os dados

Em seguida, realizou-se uma análise crítica a partir de todos os dados coletados no decorrer da pesquisa, identificando e compreendendo como aconteceu a aprendizagem do ensino da arte para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental.

Enquanto a análise ia se desenvolvendo, ocorreu a percepção do que Pimenta (2000, p. 17-18) já havia alertado quanto à formação de professores:

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que *forme* o professor. Ou que colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimento e habilidades técnico-mecânicas.

Observe-se que está compreendido, nessa citação, o papel dos

**As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação
no curso de pedagogia - CE/UFSM**

professores formadores, já que estes necessitam de um respaldo acadêmico, teórico e prático que subsidie sua atuação com os acadêmicos do curso de Pedagogia. Essa postura é esperada na disciplina de Metodologia do Ensino das Artes Plásticas, no Currículo por Atividades-MEN 342, como, também, nas demais disciplinas que compreendem o curso, já que esses professores formadores precisam, precipuamente, auxiliar na formação de um futuro professor, refletindo sobre seu papel na escola, na sociedade e perante os vários conhecimentos (erudito ou popular) que envolvem o ser humano.

Na medida em que foi resgatado o contato que os acadêmicos possuíam com as Artes, no decorrer de sua vida escolar, os relatos evidenciaram que:

“Muito pouco, basicamente pintura e fora disso não me recordo de nada” (fala do acadêmico em formação inicial nº 2)

“Não foram muitas [...] deixa eu ver, eu tive só 7ª e 8ª Educação Artística e eu não gostava muito, [...] há tem que fazer um desenho livre e quem não sabia desenhar fazia um desenho feio e ficava meio traumatizado de desenhar um desenho feio, né, então não tinha muita criatividade, muita coisa diferente” (fala do acadêmico em formação inicial nº 14)

Vivências que se repetiram na maioria das falas, e que vêm ao encontro com que Barbosa (1991) alertava, ou seja, que as artes, por muito tempo e quem sabe ainda um pouco nos dias atuais, carregaram a percepção de um fazer por fazer, uma falta de estruturação e planejamento direcionado aos anos iniciais, privilegiando a técnica. Representando um desafio para os professores formadores, trabalhar com uma área de conhecimento que já possui um ranço anterior, de uma vivência escolar não tão agradável, mas que é parte fundamental para a inter-relação com as outras áreas do saber.

Quanto aos *Saberes de Formação Pedagógica* e os *Saberes de Formação Específica em Artes Visuais*, que compreendem a formação inicial dos pedagogos, visando a atuação com os anos iniciais, constatou-se que muitas vezes, uma aula que mesclava a tendência tradicional, escolanovista e tecnicista quanto ao ensino da linguagem visual, da história da arte, dos níveis de desenvolvimento e compreensão da arte pela criança, acarretava numa aula que carecia de uma reflexão do porquê das atividades e conteúdos desenvolvidos.

Analisando uma das questões da entrevista realizada com as professoras formadoras, que perquiria “Qual a sua concepção de conteúdo que compõem o programa da disciplina?”, temos os seguintes depoimentos:

Bom na minha concepção tem dois tipos de conteúdo, tem aquele conteúdo mais formal que é a história da arte, toda a construção histórica, os elementos

estruturais, a linha, o ponto, a forma, a cor e tudo isso remete ao conhecimento, isso remete hããã, é um conteúdo formal que se ensina, e ele é mensurável, você pode medir, pode avaliar, tu sabe ou não sabe, e tem aquele conteúdo informal que é a vivência que tu traz de casa, a pintura, né, os tipos de pinturas, é um conteúdo, o conteúdo informal é o que cada aluno traz, né, a experiência que cada um traz, então é um conteúdo que se traz e a arte trabalha isso mais do que nunca (fala professora "X")

Minha concepção de conteúdo, bem o conteúdo é muito amplo, né, bastante aberto, e acho que ele engloba o necessário, claro que o professor vai fazer as suas adaptações, né. Por exemplo, nos trabalhamos com a natureza, função e objetivo das artes na escola, eu acho isso super importante, nós trabalhamos com a questão do profissional, o professor de arte e o artista plástico, essa contraposição, nós trabalhamos também com a questão do trabalho na escola, como se dá esse desdobramento, e uma coisa que um tópico que os alunos pediram esse semestre que não estava, e dois grupos da Pedagogia, tanto de séries iniciais como de pré-escola, e a gente vai trabalhar, é o estudo da cor, eles acham super importante como a criança trabalha com a cor, então eu acho que é um conteúdo assim que é flexível e é possível a gente adaptando né, e a História da Arte que vem logo a seguir (fala da professora "y")

Percebe-se nas falas transcritas que há uma consciência entre o conteúdo a ser aprendido na universidade e sua relação com a realidade do acadêmico em formação inicial. Entretanto, a atuação dos mesmos não evidenciou plenamente isso, de forma que na prática pedagógica não se conseguiu estabelecer um vínculo teórico - prático, ou seja, a sua concepção não se manifestou na sua prática, enfocando apenas o saber formalista da arte, portanto, de uma arte ainda dentro da concepção moderna, não conseguindo chegar a questão pós-moderna. Consequentemente, a professora teve que ensinar de uma forma vertical os fundamentos da linguagem visual, mais fortemente a questão da composição.

Desse modo, detectou-se também que a técnica era ensinada, mas desvinculada dos conteúdos formais, prevalecendo a técnica sobre a técnica, a expressão pela expressão, não havendo, portanto, uma leitura e/ou releitura do trabalho do aluno em relação a temática que aí estava embutida, ocorrendo, em razão disso, uma experiência e vivência fragmentada sem saber o porquê e como trabalhar isso nos anos iniciais, o que por si só não basta para a formação dos futuros professores, evidenciada nas falas transcritas dos acadêmicos.

Os conteúdos vistos foram primitivo, idade primitiva, a gente teve uma visão das escolas, e eu acho que, uma

**As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação
no curso de pedagogia - CE/UFSM**

visão um pouco pequena sobre um pouco de artes plásticas e conteúdo, a gente teve o básico do básico, particularmente não causou aquele impacto de pesquisa em nós, de descobrir o que era a arte, de ter interesse. Conteúdo foi um pouco, foi bom, mas faltou alguma coisa para dar o tcham, foi desenvolvida de uma maneira média, conteúdo pouco, curto, não que a gente queria um conteúdo extenso, mas teve conteúdo que não despertou buscar algo (fala do acadêmico em formação inicial nº 16 (professora "X"))

Ela trabalhou as escolas na questão da arte a escola tradicional, escola nova, escola tecnicista. Na história da arte, embora não tenha pego toda a história da arte, algumas coisa ela deixou claro, mas o renascimento acho que deveria ser trabalhado, nem que fosse rapidinho [...] no trabalho dela, como essa última matéria sobre a arte contemporânea, acho que ninguém entendeu o que é arte contemporânea, porque ela soltou cada um com um pintor ou um artista da época, e aquela pessoa só ficou com aquele né, não houve nenhuma discussão, nenhum seminário, não ocorreu a troca (fala do acadêmico em formação inicial nº 1 (professora "Y"))

O conteúdo das aulas desenvolvidas pelos professores formadores foi, segundo a percepção dos acadêmicos, uma combinação de tendências e de partes que pareciam não fazer parte integrante do todo, ficando meio desconectado com a realidade escolar que passariam no momento do estágio supervisionado. Além disso, os professores que atuaram com a docência na disciplina MEN 342, do Curso de Pedagogia, revelaram reflexos da sua formação inicial, manifestada na sua ação da prática educativa no exercício da docência do ensino superior, prevalecendo, predominantemente, a aplicação de técnicas sobre técnicas, ainda, um ensino pragmático dentro de uma abordagem veiculada pela razão instrumental. Ensina o fazer teórico sem o refletir o contextualizar. Está longe, neste contexto investigativo a concepção de arte como cultura, conhecimento e como expressão pela reflexão.

No momento que cruzamos as falas das professoras e os acadêmicos participantes, podemos constatar que existe consciência entre o conteúdo a ser aprendido na universidade e sua relação com a realidade do acadêmico em formação inicial; contudo, a atuação com os mesmo não evidenciou plenamente isso. No decorrer das observações, algumas aulas da professora "X" foram vistas como uma certa obrigatoriedade. Não ocorrendo uma relação mais profunda entre o conteúdo formal e o informal, permanecendo uma atuação descompromissada com o saber ser professore, não instigando a formação de um educador, ficando a maior parte do tempo na unidade cinco do programa (materiais e técnicas de artes plásticas).

O que de certa forma, trazia um esvaziamento na disciplina que poderia

ser relevante para a formação dos futuros professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Isso porque as aulas estavam baseadas em técnicas de como fazer e não de como essas seriam num contexto que envolvesse os conteúdos a serem trabalhados na escola, podendo ser através de temáticas ou eixos problematizadores, ou seja, de um conteúdo formal clássico moderno.

Isso necessita estar sendo realizado nas aulas da Disciplina MEN 342, de forma a quebrar com a percepção de que o ensino de arte se resume a utilizá-la como um momento para iniciar um outro conteúdo, ou como uma oportunidade de seus alunos realizarem uma tarefa enquanto esperam o “conteúdo” começar. Esta ação é uma ação descompromissada e cheia de gavetinhas separadas que determinam a hierarquia do conhecimento na escola.

Essa organização da ação docente leva a algumas inquietações, como no caso em que muitas vezes possuímos o discurso de como deve ser uma aula voltada para a formação crítica no Curso de Pedagogia, mas o que se percebe são muitas disciplinas baseadas numa tendência tradicional de ensinar, mas cobra uma postura crítica, construtiva ou sócio-cultural do acadêmico que irá para a prática.

Neste momento surge uma contradição para este quando ocorre a sua atuação na escola, muitas vezes é cobrada uma postura diferente da aprendida na prática acadêmica, almeja-se o ser integrador, o interdisciplinar; enfim, ensina-se de uma maneira e se cobra outra, como fica esta formação? Não fica, pois continuaremos repetindo discursos e realizando outro no momento de nossa atuação, porque assim aprendemos muitas vezes na academia.

Só que não podemos deixar de mencionar que o aluno necessita estar construindo sua bagagem do ser professor no decorrer do curso, não esperar que tudo seja “ensinado”, mas fica complicado quando a maioria destes não se interessa em buscar conhecer ou ler as referências utilizadas pelas professoras na referida disciplina, ponto que chamou muito a atenção.

Constatou-se que 55% dos acadêmicos nunca leram nada relacionado ao conhecimento de arte, nem pela disciplina, nem pela curiosidade em buscar embasamento teórico. Além disso, apenas 23% leram algum livro da história da educação que relacionaram com os conteúdos e 22% leram algo que tratava sobre a história da arte, sendo um livro, um fragmento ou um texto.

Outro ponto destacado nas análises é em relação ao método e metodologia que as professoras utilizaram nas aulas. Não devemos esquecer que todas as áreas do saber são fundamentais para a construção do ser humano, sendo assim, o professor deve estar apto a trabalhá-las e coordena-la com muita propriedade, e esta noção precisa ser trabalhada no curso superior a partir das metodologias que auxiliarão prática deste futuro docente que atuará nos anos iniciais do ensino fundamental.

**As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação
no curso de pedagogia - CE/UFSM**

Em relação a isso foi relatado que:

O método? Ah, eu sempre junto a teoria e a prática, sempre, mais prática que teoria, acho que a teoria vem só reforçar o que a gente faz de prática na aula, ainda mais dentro das aulas de plásticas, acho que é essencial, e eu vejo isso comigo, porque tudo o que eu sei e afirmo que eu sei, foi porque eu passei por uma prática, sabe, as coisas ficam superficial porque fulano falou, sabe, mas as coisas que eu passei e vivenciei, na prática isso aí eu afirmo e digo, sabe, por isso que eu defendo tanto a prática, tem que ter. [...] na verdade eu não tenho uma metodologia, eu vejo agora, eu tenho oito turmas e sempre tenho o mesmo conteúdo pra desenvolver com elas, mas cada turma corresponde de um jeito, e eu vou por um jeito, [...] diurno exige muita teoria, sabe, eles querem conhecimento [...] por exemplo, a metodologia depende da turma, o que dá certo com uma coisa, o que dá certo com a pré-escola e séries iniciais, não dá certo com a educação especial, eles não acham que é importante aprender isso, e a pré-escola acha, então cada turma se baseia numa metodologia, cada turma é cada turma (fala professora "X")

Olha meu método é um método que eu gostaria de colocar aqui, é a questão do dialético crítico né, minhas aulas são bem dialógicas, são bem fundamentadas naquilo que os alunos, eu não gostaria de trabalhar assim, se eu tivesse que trabalhar só com aulas expositivas, porque eu acho que em arte, que é minha experiência dificulta muito. Então eu procuro que sejam dialógicas, que sejam construídas de acordo com o que vem vindo com os questionamentos dos alunos. Acho que o método seria esse, seria Saviani.[...] Minha metodologia, eu trabalho bastante com a proposta triangular em arte, que é a proposta da Ana Mae, que funciona bastante bem, que atualmente é o que a gente tem de mais contemporâneo. A proposta triangular funciona com um tripé da contextualização histórica onde os alunos constrói aquele conteúdo que a gente está vendo, contextualiza, há a gente faz uma leitura posterior, que pode ser em forma de vídeos, ilustrações, slides, enfim e um terceiro eixo, fazer, o fazer artístico. E eu procuro também nunca deixar materiais específicos, eu procuro sempre dá três ou quatro opções para deixar aberto, e para ter mais diversidade também (fala professora "Y")

Já na percepção dos acadêmicos evidenciou-se a seguinte situação em relação a metodologia e métodos utilizada pelas professoras:

Bom ela chegava e dizia: "Bom pessoal, hoje nos vamos

fazer isso.”, ou senão, numa aula anterior ela já tinha, já nos dizia, “na próxima aula a gente vai desenvolver esse trabalho, daí vocês tragam esse material que precisa”, e muitas vezes antes da gente começar a aula prática ela dava uma aula teórica, a gente trabalhava em cima de um texto, de alguma história em relação a arte, era isso, as vezes tinham aula teórica, daí vinha a prática (fala do acadêmico em formação inicial nº 18 (professora “X”))

Bom geralmente ela fazia assim, ela falava a parte mais teórica, mostrava os slides, aí a gente fazia um trabalho prático, às vezes na aula, até para a gente conhecer mais a respeito do período estudado, e ainda na prática, geralmente ela deixava a gente fazer em casa, aí ela dava sugestões e a gente escolhia o que queria fazer (fala do acadêmico em formação inicial nº 3 (professora “Y”))

Bom, eu, uma coisa que me chamou a atenção assim, porque ela chegava, trazia um livro, aí ela dava o conteúdo a gente tinha o livro para trabalhar, para procurar ali né, e depois a obra e depois a gente fazia aquilo ali, o que mais chamava a atenção a gente procurava fazer, meio igual, meio parecido assim, né, [...] (fala do acadêmico em formação inicial nº 8 (professora “Y”))

O conteúdo quem ditava era a professora. Não houve um diálogo problematizador sobre o conteúdo e o conhecimento a ser trabalhado. O material também foi definido pela professora, como se observa nas falas transcritas. A metodologia, na prática, seguiu primeiro um enfoque teórico, através de uma aula expositiva, e, a seguir, apontava-se uma técnica, explicando os procedimentos para a sua realização, e, por fim, os alunos deveriam aplicar a técnica apontada, ora dando uma temática, ora não. Terminada essa vivência, o trabalho era guardado, e, diga-se, deixado estático, para a avaliação no final do semestre, sem qualquer forma de reflexão teórica - prática do processo vivenciado em arte e sem uma abordagem teórica-prática na relação desses saberes com a atuação nos anos iniciais.

Quanto à análise da atuação dos acadêmicos no decorrer do seu estágio supervisionado, isto é, na *Prática Educativa para a Docência em Artes Visuais nos Anos Iniciais*, poder-se-ia apontar que os planejamentos não possuíam objetivos, procedimentos metodológicos e materiais evidenciando uma aula de artes, sendo o planejamento de arte como um instrumento, sem ser um conhecimento a ser ensinado. Na verdade não havia um verdadeiro planejamento em arte, mas apenas uma atividade para reforçar ou ensinar um conteúdo de outra área. Não aparecia nesse planejamento, o que ensinar, como ensinar, nem sequer referência bibliográfica.

O diário do estagiário traz muitas atividades artísticas, como algumas pinturas com tinta, com lápis, ilustração

**As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação
no curso de pedagogia - CE/UFSM**

de textos, datas comemorativas, montagem e colagem, mas tudo voltado a algum tema que predomina na aula, e nas reflexões há a preocupação de se cumprir o cronograma [...] (acadêmico em formação inicial nº 14 – 3ª série – observação e diário de campo – 30/09/03)

Em relação ao ensino das artes, não foi delimitado um conteúdo específico sobre esse saber na atuação, o que ocorreu foi a simples utilização da arte como instrumento pedagógico a serviço de outras disciplinas. Não houve uma transposição dos conteúdos aprendidos na academia para os conteúdos que englobam os anos iniciais. Ocorrendo na escola de que o acadêmico usava a técnica pela técnica e isso implicou que essa técnica e essa expressão (por desenho, pintura,..) estavam a serviço de uma temática de outra disciplina ou conteúdo de outra área do saber. O que torna problemática essa questão é o fato que os saberes da arte e da sua expressão ficavam à margem do processo de aprendizagem pelos acadêmicos.

Outro ponto que chamou a atenção foi a continuidade da ligação das Artes com as datas comemorativas, que fazem parte do calendário escolar. Um desses momentos foi na aula do acadêmico em formação inicial nº 16, como segue o relato:

Uma das últimas atividades em relação a Semana Farroupilha foi a construção do fantoche do Gaúcho e da Prenda, sendo o mesmo explicado passo a passo. Inicialmente distribuí-se palitos de churrasco, tinta, papel celofane, pedaços de tecido, jornal e fitas; logo explicou-se como a cabeça do fantoche seria feita com o jornal, enrolando-o para dar forma a cabeça do fantoche, logo o outro palito serviu como braços e estruturou-se o fantoche. O estagiário foi demonstrando o processo e auxiliando na construção, mas sem interferir demasiadamente no processo e aproveitava para revisar medidas, frações e cor. A turma teve algumas dificuldades para fazer o fantoche, mas o estagiário soube responder e auxiliar os alunos em todos os momentos, trazendo exemplos e questionado-os (acadêmico em formação inicial nº 16 – 3ª série – observação e diário de campo – 19/09/03)

Essa forma de trabalhar com o conhecimento de artes visuais se repetiu em outras observações, revelando-se mais como um instrumento pedagógico do que um conhecimento a ser aprendido. Porém isso não foi compreendido como um problema por parte dos acadêmicos, foi, muitas vezes, visto ingenuamente como uma dificuldade em trabalhar com as artes visuais, de como utilizá-la em sala de aula, realizando associações inocentes com os conteúdos.

Evidenciou-se, em muitos aspectos, que a metodologia utilizada pelos

acadêmicos em relação ao ensino das artes se baseou na livre-expressão pela livre-expressão. Em alguns momentos, ocorreu a cópia, gerando uma expressão estereotipada, não havendo a mediação do professor com a criança, entre os formantes plásticos e o nível de desenvolvimento e compreensão da arte.

Destarte, não se observou nenhuma avaliação envolvendo o conhecimento artístico. A avaliação se deu mais uma vez como instrumento, haja vista que no início ou no final da prova escrita havia uma parte que solicitava que o aluno ilustrasse sobre algo. Ocorre que esta ilustração era avaliada ou não, como demonstra a observação que “[...] me intrigou quando o acadêmico me disse que “a avaliação será pela provinha e pelos trabalhos que foram dados em aula”” (fala acadêmico em formação inicial nº 11 - 1ª série – observação e diário de campo – 07/11/03). A partir desta fala, algumas inquietações quanto ao ensino da arte e das outras áreas de conhecimento nas escolas de Ensino Fundamental fizeram-se presente no momento da análise e posso dizer que ainda nos dias atuais.

Relatando algumas considerações

Infere-se que a formação em Pedagogia remonta à década de 30 e o Curso de Pedagogia -CE/UFSM tem sua origem em 1965. Nesse curso, a inclusão da Disciplina de Metodologia de Ensino das Artes Plásticas no Currículo por Atividades, ocorreu na década de 80, em decorrência da reforma curricular, no ano de 1984, permanecendo a mesma até a conclusão desta pesquisa. Entretanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei nº. 9394, de dezembro de 1996, e as políticas públicas atuais, forçaram as instituições de ensino superior a se adequarem às novas regras no campo educacional. Nesse contexto, criou-se um novo currículo, ou melhor dizendo, um projeto pedagógico do curso de Pedagogia na UFSM - Santa Maria /RS.

Faz-se necessário, nesse ponto, chamar atenção para o fato de que as diretrizes que deveriam nortear o Curso de Pedagogia ainda não estavam regulamentadas no decorrer desta pesquisa, e no Ministério da Educação – MEC – Brasília, o curso continuava sendo regido pelo Parecer 256/69, o qual pregava a formação de técnicos e especialistas.

Denota-se que o tempo destinado ao ensino da disciplina na formação inicial no Ensino Superior (Curso de Pedagogia – UFSM) é restrito (60 horas aula) para aprender o saber disciplinar e ter a compreensão dos saberes pedagógicos para o ensino de Artes Visuais, bem como para vivenciar teórica e metodologicamente os saberes da Arte, em sala de aula. Mesmo assim, infere-se que adotar a disciplina de artes visuais no currículo é algo essencialmente positivo, embora apontando lacunas que podem ser diminuídas.

Também se verificou que os acadêmicos trazem consigo estereótipos e modelos de como ensinar e de como ser professor de Artes, baseados em

suas vidas escolares e em suas vivências em Arte. Da mesma forma, constatou-se que esses “modelos” foram incorporados pelos acadêmicos, cujos pressupostos teóricos têm base predominantemente na perspectiva tradicional de educação e, sem dúvida, na perspectiva formalista da arte, como na tendência escolanovista, que se utiliza da livre-expressão pela livre-expressão, na qual o professor apenas é um orientador do trabalho e não um mediador do processo de conhecimento que o aluno em formação inicial traz de seu processo cultural vivido e de suas trajetórias e experiências de vida profissional e/ou pessoal. Ainda, desconsidera os saberes que se engendram na gestão do espaço escolar tanto em relação aos conhecimentos disciplinares em arte, quanto na organização do trabalho educativo na escola.

Em relação aos conteúdos trabalhados na disciplina MEN 342, revelaram-se desvinculados da realidade dos acadêmicos em formação inicial, bem como com a realidade escolar, permanecendo uma visão escolanovista e tecnicista (aprender a fazer e aprender pela experiência), pontuando, dessa forma, os saberes pedagógicos que os acadêmicos aprenderam na academia.

No momento da atuação dos acadêmicos em formação inicial, no estágio supervisionado, prevaleceu a utilização da arte como instrumento pedagógico, pautando-se em técnicas e num fazer sem reflexão e sem relação com as outras áreas do saber. Verificando o que Barbosa (1991, p. 4) já havia escrito anos atrás, que “[...] os professores ensinam da mesma maneira como foram ensinados”, revelando-se condizente tanto com a formação dos formadores, quanto à formação que tais formadores destinaram aos futuros professores de anos iniciais.

Essa constatação vem confirmar a formação que os acadêmicos receberam, que não foi voltada para a formação de professores de anos iniciais, na qual irão trabalhar sua interconexão com algumas áreas do saber, inclusive com o conhecimento de artes visuais, até mesmo porque seus professores formadores não possuem os saberes nem a formação inicial de professor pedagogo (disciplinar, curricular, das ciências da educação, da tradição pedagógica, experienciais e da ação pedagógica). Possuem muito pouco da formação inicial e continuada para atuar com os anos iniciais. Entretanto, é positivo terem a formação específica (artes visuais) para estar realizando a melhor formação para o ensino das artes visuais.

Percebeu-se, e um dos professores formadores reconheceu, não existir formação suficiente para atuar no curso de pedagogia, e, ainda, que existem especificidades no ensino das artes visuais para os anos iniciais, sendo necessário um currículo mais globalizado e com características peculiares a esse nível na atuação de formadora de formadores pedagogos - anos iniciais.

Após as observações realizadas na disciplina MEN 342, corroborada pelas pesquisas nas escolas em que os acadêmicos atuaram, aponta-se que a

coerência entre teoria – prática não se fez totalmente presente nas aulas da disciplina. Dessa forma, a teoria era vista e trabalhada como um momento que se discutia ou se pesquisava sobre um assunto. E, ainda, a técnica servia para fechar com a teoria, ou, ainda, a prática era vista como principal, desprezando-se a teoria, visualizando-se a atuação dos formadores que se mostrou em alguns momentos fragmentada, e, em outros momentos, seguiam a descrição acima, não conseguindo relacionar a teoria e a prática.

Os saberes de formação específica em artes visuais foram insuficientes para a formação dos acadêmicos em formação inicial, sendo muitos conhecimentos e conteúdos suprimidos no momento da aprendizagem nas aulas na disciplina MEN 342, que somente na atuação com os anos iniciais se tornaram perceptíveis.

Concluindo, uma formação que possibilite trabalhar de forma integrada consciente e reflexivamente com os conhecimentos em artes visuais com todas as áreas do saber que integra o currículo dos anos iniciais, apenas dar-se-á com uma reestruturação curricular que privilegie a troca entre a realidade escolar e a universidade via acadêmicos e professores, buscando-se uma nova cultura pedagógica. Cultura essa que olhe para as diferenças culturais e sociais, e que supere, na formação de professores para atuar nos anos iniciais, um ensino da arte apenas formalista da arte para uma teoria pós - formalista da arte, olhando as diferenças e os diferentes na complexidade da sociedade contemporânea.

Espera-se dessa forma, superar historicamente a arte e o ensino na perspectiva moderna, para que os acadêmicos em formação inicial apreendam a realidade escolar como saber e fazer de sua formação inicial na universidade, e não como funil meramente de reprodução dos saberes aprendidos na academia. Isso tem sentido, e forma convicção, quando o aluno chega no seu campo de atuação no estágio supervisionado, depara-se com uma prática educativa que não sabe ao certo que conteúdo de arte ensinar, não tem confiança no como ensinar e perde-se na mediação entre os saberes que o aluno traz e os saberes que a academia proporciona na formação de aula universitária.

Referências

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Ed. 1994.

BROHN, J. M. **O que é dialéctica?** Tradução de Maria Resende. Lisboa: Antídoto, 1979.

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, M. H. C. de T. **Metodologia do ensino da arte.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

**As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação
no curso de pedagogia - CE/UFSM**

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. de Souza (Org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 67-80.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÊ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. Formação de professores e formação docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Portugal: Publicações D. Quixote, 1995. p. 15-32.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidades e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 15-34.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

RUZ, J. R. Formação de professores diante de uma nova atitude formadora e de eixos articuladores do currículo. In: SERBINO, Raquel Volpato et al. **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 85-101.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Correspondência

Andreia Weiss – Av. Resplendor n. 95/604 Edifício Costa Verde Bairro Itapoã - 29101-500 - Vila Velha – ES.

E-mail: andreiaweiss@yahoo.com.br

Recebido em 10 de março de 2006

Aprovado em 15 de agosto de 2006

